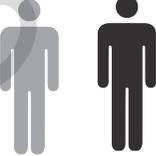
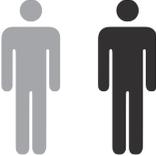

Qual 

 **é a nossa**

Crise?

CAP. DREAMS & TRA

CAP. DE AMOSTRA

SUMÁRIO

Sobre o autor	5
Dedicatória	6
Agradecimentos do autor	7
Introdução	11

PARTE 1

ÉTICA, INDIVÍDUO E RELACIONAMENTOS

1. Ética — indivíduo, empresa, sociedade	14
2. O poder do círculo de influência	21
3. Vivendo dentro de bolhas	24
4. As fake news	28
5. Relacionamentos de confiança	32
6. Pais e filhos	38
7. Ser ético é ser livre	41
8. O poder da escolha	46
9. A liberdade	49
10. Todo mundo faz	51

PARTE 2

ÉTICA E ECONOMIA

11. O dinheiro do mundo	54
12. Fim da fome	58
13. Guerras e a expansão econômica	62

PARTE 3

ÉTICA E MEIO AMBIENTE

14. A exploração do meio ambiente	66
15. O futuro	70

PARTE 4

ÉTICA E POLÍTICA

16. Menos corrupção institucionalizada	74
17. Ordem ética e política	80

18. Reflexo	83
19. Motorista e policial	86
20. Rouba, mas faz	88
21. Formação para ser político	90
22. Queremos ser enganados?	94
23. Passividade, agressividade, assertividade	98

PARTE 5

ÉTICA E RELIGIÃO

24. Ética – O cerne de todas as religiões	102
25. A desunião	105
26. Os intolerantes	109

PARTE 6

PRINCÍPIOS ÉTICOS AO FALAR SOBRE CIÊNCIA E SAÚDE

27. O mal do discurso da anticiência	114
28. A difusão da pseudociência e o mal causado por ela em nossa sociedade	118
29. Covid-19 e ética	125

PARTE 7

ÉTICA NO AMBIENTE EMPRESARIAL

30. Organizações mais saudáveis	130
31. O que é bom para a colmeia é bom para a abelha	136
32. Empresa e funcionário	139
33. Cultura social e cultura organizacional	142
34. Jeitinho	146

PARTE FINAL

POR UM MUNDO MELHOR

35. A regra dos dois dedos	150
36. Uma gota no oceano	152
Bibliografia	153
Índice	157

INTRODUÇÃO

Nas próximas páginas, vamos tratar do comportamento mais importante para a construção de uma sociedade humana. Ao longo de milhares de anos, a espécie humana abandonou um modo de vida nômade para formar grupos com cada vez mais indivíduos.

A agricultura permitiu essa passagem do modo nômade para uma vida estabelecida em um único local. Nossos ancestrais, então, passaram a não precisar caminhar por dias atrás de alimentos, não era necessário sair para coletar frutas ou caçar animais. Essa mudança no modo de vida fez com que tivéssemos mais tempo livre para desenvolver nossa cultura.

Começaram, a partir daí, a se formar os pilares da política, das artes e religiões. Estas três formas, e posteriormente o pensamento filosófico e científico, propunham formas de vida e comportamentos necessários para que o desenvolvimento de uma civilização fosse possível.

Milhares de anos após o primeiro trigo ser plantado de forma acidental, somos hoje uma comunidade global. Deixamos de ser pequenos grupos que se reuniam em volta de fogueiras e contar histórias para mais de 7,7 bilhões de indivíduos que extraem recursos da natureza para suas necessidades de sobrevivência e conforto.

Arte, política, religião e ciência continuam a propor alternativas para resolvermos nossas crises, continuam a propor comportamentos para melhor nos relacionarmos, e para estabelecer um futuro sustentável para a espécie humana e as demais espécies que dependem dos mesmos recursos que nós.

Com o crescimento acelerado da população humana no último século, nossos problemas também cresceram consideravelmente. A humanidade chegou ao ponto de ameaçar sua própria existência no planeta.

Quando olhamos para a economia, além de ciclos frequentes e alternados de crescimento econômico e recessão econômica, vemos milhões de pessoas passando fome todos os dias, e um percentual ínfimo da população possui um patrimônio superior à riqueza produzida por alguns países durante um ano.

No meio ambiente, temos entre outros problemas, a poluição do ar e da água, a mudança climática e o desmatamento. Todas são questões urgentes a serem solucionadas para possibilitar um futuro para a humanidade.

A religião propõe formas para lidarmos com problemas do cotidiano e ajudar a criar um futuro, mas, em meio a tantos discursos, muitos dos que são propagados se afastaram completamente do sentido religioso.

Na política, governantes não governam para o povo, são simulacros de políticos, pessoas que estão ali apenas para defender os próprios interesses ou interesses econômicos de algumas corporações.

E, ao centro de tudo, estamos nós. Como indivíduos, direta ou indiretamente, todo impacto positivo e negativo do mundo passa por nós. Elegemos os políticos, escolhemos as empresas das quais vamos comprar, transmitimos nossas crenças para as gerações futuras.

A chave de todas as transformações sociais, não apenas as necessárias, mas aquelas que são obrigatórias para que um futuro possa existir, está no indivíduo. Para que o presente e o futuro sejam construídos a partir do ponto crítico que estamos hoje, é urgente que empresas, políticos, artistas, religiosos e cada indivíduo passe a se comprometer com uma transformação ética na sociedade que vivemos.

Esse manual começa pelo indivíduo e passa em cada uma das grandes áreas que envolvem uma civilização: ciência, religião, economia, empresarial e política. A proposta contida nestas páginas é identificar posturas que temos e que podem ser melhoradas, formas de comportamentos que podemos considerar como normais, afinal, são anos de uma tradição cultural que repetimos.

Muitas destas tendências culturais podem não ser fáceis de mudar, porém, é urgente que o sejam. A repetição de costumes sociais, alguns criados há milhares de anos, precisa ser revisitada e melhorada nos tempos atuais.

A obrigação de fazer isso é de cada indivíduo e de cada instituição humana através dos seus membros. Use este livro como uma ferramenta para avaliar e refletir em pontos que podem ser melhorados em sua relação ética dentro dos relacionamentos, do trabalho e em sociedade.

Use como uma forma de compreender melhor e assim conviver melhor com outros seres humanos. Não é possível tratar de ética se não há convivência humana. E é por isso este livro foi escrito.

Apesar da evolução tecnológica e social ao longo dos anos, continuamos, muitas vezes, com posturas de convivência primitiva. Devemos moldar tanto nosso comportamento ético na convivência humana como também ajudar, a partir de nossa ação ética, os outros a compreenderem o mundo e interagirem de uma maneira mais ética com a sociedade e o meio ambiente.

PARTE 1

ÉTICA, INDIVÍDUO E RELACIONAMENTOS

“Age como se a máxima da tua ação fosse para ser transformada, através da tua vontade, em uma lei universal da natureza.”

IMMANUEL KANT

1

ÉTICA – INDIVÍDUO, EMPRESA, SOCIEDADE

José aguardava na fila do banco quando ouve, de duas pessoas atrás, a afirmação: “A culpa é do governo.” A espera já se aproximava dos quinze minutos prometidos como tempo máximo para aguardar em uma fila. À frente de José, uma pessoa para cada mês do ano ainda aguardava ser chamada. José percebe que vai ficar parado ali por mais um quarto de hora, mas nossa sociedade não foi ensinada a esperar.

Ele já conferiu o celular para ver se havia chegado um novo e-mail ou alguma mensagem instantânea. Já olhou a rede social, viu as horas no telefone pelo menos duas vezes, tudo em menos de quinze minutos, e nada parece ajudar a enfrentar a maçante e interminável espera na fila. Sem um ponto útil para direcionar o pensamento, José pega a primeira mensagem transmitida, seja verbalizada ou escrita em alguma mídia. Ela está flutuando no ar, chamando, cochichando ao ouvido: “A culpa é do governo.” Como um peixe, José morde a isca e começa a cavalgar em pensamentos incontroláveis, que o levam aonde eles querem, não aonde ele tem posseção de si mesmo para analisar de modo racional tudo o que foi falado e escrito.

Então, José se recorda de todos os problemas que ele consegue para culpar o governo. Parte da escala do macro para o micro: impostos, saúde, educação e segurança. Pensa em termos de Brasil e sente o sangue esquentar, as emoções ficarem à flor da pele, com as imagens dos mortos nas filas dos hospitais, de mais uma família vítima da violência urbana. E pensa que poderia ser a família dele.

Pensa na esposa e nas duas filhas menores. Ele quer uma boa educação para elas e acredita que a escola não está cumprindo o papel

devidamente, tudo culpa do prefeito. Mas José tem uma situação econômica superior a mais de 80% dos brasileiros — não que isso signifique muito dinheiro, significa apenas mais um reflexo da nossa má distribuição de renda. Mesmo assim, nas contas mentais que José faz enquanto aguarda na fila do banco, percebe que, se tirar um pouco aqui e apertar um pouco os gastos ali, se a esposa gastar menos no cabeleireiro, ele pode tirar as filhas da escola municipal e levar para uma particular. “Isso se a economia melhorar e a empresa continuar vendendo”, alerta um pensamento.

Então, José pega outro pensamento e começa a cavalgar naquela direção: “porque a culpa é a diretoria”, “meu chefe é incompetente”, “a área comercial não vende nada”, “o pessoal é muito lento”. Em breves minutos de reflexão na fila do banco, José vai encontrando os culpados pelos problemas: a culpa é do governo, a culpa é dos professores, a culpa é da esposa, a culpa é do chefe, a culpa é das estrelas. Ao final, José se mostra um juiz implacável, condenaria a todos sem lhes dar o direito a um *habeas corpus*. Ao terminar suas conclusões, José sente raiva, com batimentos cardíacos acelerados. Pensa que, se ele pudesse, faria algo, mas não é um político, e nem se interessa em ser um, porque existe corrupção nesse meio, então ele não pode fazer nada.

Na fila, o último à frente de José é chamado. Dá uma olhada de soslaio para conferir o final da fila. Parece que nunca diminui, enquanto a fila dedicada a pessoas acima de 60 anos só tem duas pessoas. “Da próxima vez, trago minha mãe para pagar a conta”, pensou José, antes de sua senha ser chamada no balcão.

José é brasileiro, casado, pai de duas filhas, trabalhador sob o regime da CLT. Apesar de o oftalmologista de José evidenciar que sua visão está em plenas condições e que ele não precisa usar nenhum tipo de lente corretiva, observando o dia a dia de José poderemos verificar que ele sofre de um problema de hipermetropia, ou seja, tem dificuldade para enxergar o que está perto.

Ao sair da agência bancária, José comprou uma barra de chocolate, que comeu enquanto caminhava pela rua. Jogou a embalagem na calçada, pois havia alguém responsável pela limpeza pública. O seu horário de almoço já havia passado, mas a culpa disso era a demora na fila do banco, então ele decidiu tirar mais vinte minutos de almoço para comprar um presentinho para a simpática funcionária nova do terceiro andar que fazia aniversário. Na semana anterior, José se esquecera do aniversário de casamento, “mas homens são ruins para lembrar datas”, explicou à esposa. José era bom nas justificativas, e se o atraso ao retorno do

horário do almoço fosse contestado, ele saberia de quem seria a culpa: da fila do banco.

Quando retornou para casa naquele mesmo dia, José furou dois semáforos no vermelho e fez um retorno proibido para entrar em uma conveniência e comprar um maço de cigarros. Em casa, beijou a mulher e informou à filha que estava cansado e ela deveria pedir ajuda na lição de casa para a mãe. Tomou um prolongado banho e sentou-se no sofá, em frente à TV, em um estado parecido com o coma, e se dedicou a ver as piores notícias e enumerar os culpados por aquela situação.

Talvez, por não conhecer o dia a dia de José, seu oftalmologista não tenha conseguido identificar seu problema de hipermetropia. Você, leitor destas linhas, tem vantagem sobre os anos de estudos do médico de José, você consegue identificar que ele sofre de uma grave dificuldade para enxergar as coisas de perto. Ele é capaz de ver problemas de segurança do país em que vive, mas não é capaz de ver atos irresponsáveis que toma no trânsito que envolvem a própria segurança e a dos outros. Ele é capaz de ver problemas no sistema de saúde, mas não de cuidar da própria saúde. José esbraveja com o descaso na educação, mas não apoia a própria filha nos estudos. Afirma que não seria um político por causa da corrupção dos governos, mas quem é o que, afinal, gera a corrupção para as instituições?

Podemos culpar um sistema pelos homens que o administram? Podemos culpar um clube de futebol pelos seus torcedores? Podemos culpar toda uma organização por seus administradores? Qual é a nossa responsabilidade em cada um dos círculos de influência em que convivemos?

Como disse Gandhi: “Seja a mudança que você quer ver no mundo.” Todos desejam um mundo melhor, um país com menos corrupção, uma cidade com mais qualidade de vida. Todos querem bons governantes, bons colegas profissionais, um bom cônjuge e bons filhos. Todos desejam o melhor para si, mas como respondemos à pergunta “Eu dou meu melhor todos os dias?”

Quais atos me dignificam para viver em um país livre da corrupção? Os locais que frequentamos são nosso círculo de influência: trabalho, escola, família, clube etc. Destes locais, por onde devo começar a agir?

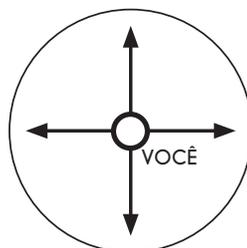
Temos olhos de auditor para enxergar os problemas alheios, apontamos os defeitos de conduta das pessoas, sejam elas amigos de longa data ou pessoas que conhecemos há pouco tempo. E, crenes de que temos as soluções para os problemas alheios, quando por vezes nem os nossos resolvemos, damos opiniões de como as pessoas devem se comportar, pensar, sentir e agir. Queremos que o mundo mude, porque nós não queremos mudar.

CÍRCULO DE
INFLUÊNCIA

Mudar gera um desconforto psicológico e físico, exige de nós tolerância, compreensão, entendimento e respeito. Mudar exige a força da ação que gera um movimento que parte de um ponto a outro. O que fica inerte sofre apenas a ação do tempo, até que deixe de existir naquela forma. O que fica inerte muda pela ação do tempo. Sem a influência ativa, o inerte não escolhe que caminho tomar, o que se movimenta muda por sua própria vontade e ação, sabe onde está e para onde vai.

Toda evolução busca um movimento, e assim é com a humanidade. Todo movimento deve ser ordenado e constante, saber de onde se partiu e em qual direção segue. Sem isso, não se chega a lugar nenhum ou, pelo menos, a nenhum lugar válido. Em meio a nossas dores físicas e psicológicas, queremos mudanças. Em todas as partes do mundo, pessoas clamam por mudanças: Europa, Oriente Médio, Américas. O grito na garganta é o mesmo: um país melhor e um mundo mais justo. Um lugar que proporcione comida a quem não tem o que comer, saúde àqueles que sofrem de doenças, segurança para ir e vir, um mundo com pessoas em quem se possa confiar.

E por que, em meio a tantos interesses genuínos, continuamos a falhar? A fome no mundo aumenta, a degradação ambiental se agrava, criminalidade e guerras se espalham mundo afora e os relacionamentos tornam-se cada vez mais fracos e tênues. O que fizemos de errado e o que precisamos mudar para garantir que nossos erros não continuem a aumentar?

CÍRCULO DE
INFLUÊNCIA

Esperamos uma mudança externa, que acreditamos que vá ocorrer de alguma das duas formas:

1. O ambiente externo onde nos encontramos, círculo de influência, vai mudar sem nossa ação.
2. Vou pressionar o ambiente externo, círculo de influência, para que ele mude como mais me agrada.

Acreditar na primeira hipótese é acreditar na fantasia de que existe mudança do lado de fora sem que façamos nada. Essa é a fácil escolha do conforto, em que queremos que o mundo à nossa volta mude, mas não queremos nos mover para mudar algo. Ser ativo no mundo gera a responsabilidade pelas nossas ações, e preferimos que alguém faça a nossa parte, queremos continuar vendo nossa série de TV favorita ou o jogo de futebol, enquanto os professores cuidam da educação de nossos filhos e os governantes decidem o que é melhor para onde vivemos. Trocamos o direito de ter voz ativa e participativa pelo direito de reclamar de que as coisas nunca mudam.

A segunda hipótese de nosso raciocínio nos leva a um pensamento separatista. Consideramos nossos interesses dentro de nosso círculo de influência, esquecemos que as pessoas que estão dentro de nosso círculo de influência também possuem seus interesses. Queremos, a marteladas, mudar as coisas externas, por vezes com ações que caracterizam fanatismo em vez de lucidez e, em vez de gerar um sentimento de união, geramos a noção de feudos, onde cada um vive à sua maneira.



Ao perceber que as mudanças não ocorrem externamente como esperamos, tendemos a diminuir nosso círculo de influência, estar com pessoas que pensem da mesma forma que nós, criando um mundo que nos é confortável. Essa situação gera a falsa sensação de segurança, em que fechamos nossos olhos para o que acontece do outro lado da rua. Essa fuga para lugares onde nos sentimos seguros também não é a solução para gerar um movimento de

melhora social. Essa fuga é mais um reflexo de nossa falta de vontade em combater ativamente as injustiças.

Mudanças não são feitas do dia para a noite, são reflexos de um trabalho realizado de forma paciente e constante. Mudanças positivas advêm de um trabalho diário, e ações isoladas tendem a gerar resultados isolados e, na maioria das vezes, de curta duração. Então, por onde devemos começar a agir dentro do nosso círculo de influência para gerar uma mudança duradoura?



Só existe um lugar em nosso círculo de influência onde podemos implementar uma mudança: nós mesmos. Esse é o lugar por onde devemos começar. Se o Estado fosse um instrumento musical, cada cidadão seria uma corda desse instrumento. Uma corda solta no instrumento não vai produzir som. Uma corda desafinada vai produzir desarmonia. Como cidadãos, precisamos nos “afinar” para produzir boas notas, harmônicas, que possam ser ouvidas por outros. Assim como uma criança se espelha e aprende com o exemplo dos pais, qualquer mudança que buscamos fora, temos o dever de representar através de nosso exemplo.

Como se luta contra a corrupção de um Estado se não combatemos ainda a corrupção em nós mesmos? Como buscar uma boa educação se desprezamos o ato de educarmos a nós mesmos para sermos melhores? Como combater as injustiças sociais se somos injustos em atos e omissões todos os dias?

Olhar para fora e ver com descrença que as coisas podem mudar, usar a expressão de que não há esperança na melhora, tudo isso é mais fácil do que olhar onde a mudança pode acontecer — em nós — e então começar o trabalho. Não podemos viver como o José desta história, que reclama dos problemas externos, mas, em vez de ser um importante agente de mudança social, corrompe mais seu círculo de influência com atitudes antiéticas.

O dever em gerar uma melhoria é de todos, porém, temos que ser justos e saber que nem todos conseguem enxergar um problema social. Para muitos, a situação está normal, e aqueles que veem que as coisas não estão bem, têm

maior responsabilidade e compromisso para fazer algo pelo coletivo. E esse algo que cada um pode fazer é corrigir primeiramente suas próprias ações, combater os desvios de conduta que comete e assim mostrar aos demais que é possível se melhorar. A partir da afinação da própria conduta, vamos gerar notas mais harmônicas e outros irão se juntar à mesma música que tocamos.

**A principal crise que vivemos no Brasil
não é econômica, é ética.**

Somente a partir dessa correção ética é que vamos evitar que os problemas que vivemos hoje voltem a se repetir nos próximos anos. A situação que se apresenta hoje tem apenas uma vestimenta diferente das que já aconteceram no passado. Não adianta pintar a cara se somos “caras de pau” no dia a dia. Olhemos o passado para corrigir no presente e gerar um futuro melhor, um futuro que começa pelo trabalho individual.

2

O PODER DO CÍRCULO DE INFLUÊNCIA

Você já parou para refletir sobre o quanto de impacto suas ações geram no mundo? Como você influencia pessoas e organizações? Como essa influência pode gerar um impacto positivo ou negativo a milhares ou milhões de pessoas?

Se nesse momento você se pegar pensando, “Carlos, meu impacto no mundo é pequeno, sou uma pessoa com um grupo de amigos pequeno, e minha família também não é grande. Isso de impactar milhares de pessoas não é para mim, é coisa para YouTuber”. Quero te mostrar que você pode estar enganado sobre seu impacto, que sua influência é maior do que você pressupõe, e que toda ação humana é uma ação histórica.

A nossa influência no mundo é muito difícil de ser medida com precisão histórica, porque apenas o futuro poderia apontar com mais precisão a ação dos homens e mulheres. E mesmo assim, muitas influências nem mesmo a história conta.

A primeira coisa a ser considerada, quando calculamos nossa influência no mundo, é pensar sobre a teoria dos seis graus de separação. Essa teoria, desenvolvida pelo psicólogo Stanley Milgram, demonstra que qualquer pessoa do mundo está distante, no máximo, por seis graus de separação, ou seja, você e a rainha da Inglaterra, por exemplo, tem no máximo cinco pessoas entre vocês.

Na prática, acontece da seguinte forma:

Imagine que você precisa contatar o décimo quarto Dalai Lama, Tenzin Gyatso, líder espiritual do Tibete. Parece uma missão difícil? Você não o conhece, mas entre todas as pessoas que você conheceu durante sua vida, qual seria a mais próxima a conhecê-lo?

Talvez você conheça alguém que seja praticante da doutrina Budista, e o budismo é a religião praticada no Tibete. Talvez você tenha proximidade a algum líder de outra religião ou um líder político. Como Tenzin é uma personalidade mundialmente conhecida, essa pessoa pode já ter ouvido falar nele.

Você se lembra de um amigo de um parente seu que conheceu em uma festa no final do ano e disse ser budista. Você entra em contato com essa pessoa e pergunta se ele pode te ajudar. Ele responde que não sabe como contatar o Dalai Lama, mas se compromete a perguntar para o líder religioso do templo. O líder do templo nunca falou com o Tenzin, mas sabe de alguém que organiza uma excursão anual para visitar o Dalai Lama na Índia e receber instruções de suas práticas religiosas.

Sendo assim, você e o Dalai Lama estão a quatro graus de distância: seu colega, o líder do templo, a pessoa responsável pela excursão e o Dalai Lama. Se você não tivesse conhecido a pessoa budista na festa, o grau de separação seria cinco: seu parente, colega budista, líder do templo, pessoa responsável pela excursão e o Dalai Lama.

Hoje já se coloca que, devido às redes sociais, os graus de separação são menores, estamos cada vez mais próximos de influenciar qualquer pessoa do mundo. Olhando pela ótica dos seis graus de separação, uma frase, um gesto, uma ação feita pode reverberar pela sua rede de conexões e chegar a influenciar pessoas que você nem imagina. Algumas dessas pessoas podem ter a capacidade de influenciar outras milhares ou milhões de pessoas, e essa influência pode ter tido como estopim em uma simples conversa.

Além da capacidade de propagação de uma mensagem através da nossa rede de amigos e amigos dos nossos amigos, o fator tempo impacta na transmissão de uma mensagem. Esse fator não conseguimos prever.

Quando Ann e Barack presenciaram o nascimento do filho, em 4 de Agosto de 1961, provavelmente não previram que aquele jovem seria um dia presidente dos EUA e agraciado com um prêmio Nobel da Paz.

É impressionante perceber quão próximos estamos de qualquer pessoa do mundo, e isso tem que reforçar nossa responsabilidade ética com o mundo, não apenas com nossos interesses pessoais.

O presidente Barack Obama influenciou milhões de pessoas, não apenas norte-americanos, mas pessoas em todo o mundo. Suas decisões políticas influenciaram milhões de vidas ao redor do globo terrestre. Seu círculo de influência se estendeu a todo o planeta. Como presidente da nação mais poderosa econômica e militarmente, sua influência podia salvar ou tirar milhões de vidas.

Antes de Obama influenciar pessoas, governos e empresas no mundo todo, ele construiu suas influências ao longo da vida. Foram os pais, colegas, professores, políticos e muitos outros profissionais e pessoas que, com suas ações, ajudaram Obama a construir sua forma de ver o mundo. Essas influências constroem valores importantes em nossa vida. Valores como a ética, respeito, justiça e união.

Através das coisas que atribuímos valor, construímos nossa visão de mundo. Um mundo que pode ser mais ético, mais justo, que respeite o próximo; ou um mundo egoísta, forjado para tirar vantagem do outro. É essa visão de mundo que transmitimos aos demais através do nosso círculo de influência.

A imprevisibilidade do tempo não nos concede o direito de agir de modo antiético. Não sabemos, no dia de amanhã, o que serão no futuro as pessoas que cruzaram nosso caminho hoje. Nossa influência, boa ou ruim, na vida dessas pessoas vai representar um impacto muito maior em escala humanitária.

Pais que não educam os filhos com princípios éticos não apenas afetam a vida de uma criança, podem afetar toda uma geração ou várias gerações. Essa criança vai influenciar centenas de outras crianças ao longo de sua jornada escolar. Essa criança, ou algum colega de escola, pode se tornar uma pessoa influente, seja um artista, alguém da política, um influenciador nas mídias digitais, e assim impactar outros milhões de vidas, que levarão à frente esse impacto.

Os professores serão impactados pelo comportamento dessa criança, e assim o ciclo de influências aumenta a cada ano que passa. Não é admissível negligenciar nossa influência no mundo.

Se você possui uma única pessoa no seu círculo de influência, essa pessoa importa. Se você tem influência direta ou indireta sobre milhares de pessoas, sua responsabilidade em zelar pela ética é redobrada.

Os efeitos negativos falados nos parágrafos acima também podem ser revertidos. Quando cada um se compromete a agir de modo ético, essa influência vai reverberar de pessoa para pessoa, e, ao longo dos anos, podemos promover transformações sociais positivas.

3

VIVENDO DENTRO DE BOLHAS

O círculo de influência exemplifica que estamos influenciando e sendo influenciados a todo momento durante o convívio humano. É natural que, para influenciar ou ser influenciado por alguma coisa ou alguém, é necessário entrar em contato com esse objeto ou pessoa.

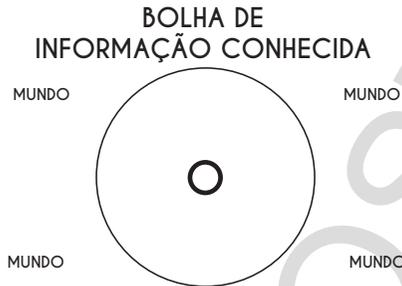
Ao visitar a catedral de Cusco, no Peru, é possível observar um quadro que representa a Santa Ceia, com Jesus e seus doze discípulos sentados à mesa. Um dos fatos curiosos que podem ser observados nesse quadro, do artista cusquenho Marcos Zapata, é que o prato principal, servido à mesa em frente a Jesus, trata-se de um Cuy. O Cuy, chamado no Brasil de porquinho-da-Índia, é um prato típico do povo inca, considerado sagrado.

O quadro de Zapata representa o cruzamento de dois círculos de influência, antes desconhecidos um do outro. Antes da chegada dos espanhóis no Peru, a tradição cristã não existia para os povos Incas. Eles tinham sua tradição religiosa. Cuy também não poderia ter sido o prato servido durante a última ceia, já que milhares de quilômetros separavam as tradições culinárias de ambas as épocas. O cruzamento de um elemento sagrado para o povo Inca, dentro de uma tradição sagrada para os europeus, tornou-se possível graças aos círculos de influências.

Essa dinâmica possibilita a criação de coisas novas, possibilita expandir nosso entendimento do mundo, aumentar nosso respeito por outras culturas e povos, repensar ideias antigas, abandonar preconceitos. É inegável que a influência espanhola foi mais forte sobre o povo inca do que o inverso. Os conquistadores espanhóis estavam presos dentro de suas próprias bolhas culturais, e acreditavam, assim, que sua forma de cultura era superior às demais.

O uso do termo bolha se refere a um estado em que a pessoa está cercada por um nível de informação já adquirida e se nega a obter outras informações a respeito, expandir seu ponto de vista, dialogar com outras pessoas.

Toda a informação que a pessoa busca tem apenas a finalidade de reforçar suas próprias crenças.



Todos vivemos dentro de bolhas, ficamos cercados de informações e coisas que acreditamos, e isso vamos moldando nossa forma de ver o mundo. Para criar um mundo mais tolerante, guiado dentro de princípios éticos, é necessário furar as bolhas em que vivemos. No dia a dia, “esse furo na bolha” acontece.

No ambiente de trabalho, na escola, não convivemos apenas com pessoas que acreditam nas mesmas coisas que nós. Essa troca é positiva. Conviver e respeitar o diferente é um dos elementos que nos faz humanos.

Sair da nossa bolha se torna cada vez mais incômodo. Apesar de obrigados a fazer isso no trabalho e em outras situações, cada vez mais evitamos o contato com pessoas que pensam diferente para nos aliar a ideias semelhantes às nossas. As redes sociais têm grande responsabilidade sobre essa tendência comportamental nos últimos anos.

As redes sociais trabalham com um sistema de regras chamados de algoritmos. A função destes algoritmos é compreender o comportamento do usuário da rede social e assim direcionar para o usuário um conteúdo que mais se “encaixe” com o perfil do usuário de acordo com o que o algoritmo pressupõe que o indivíduo vai gostar.

Na prática, cada vez que você deixa um “curtir”, um comentário ou qualquer outra ação em suas redes sociais, o algoritmo está mapeando seus registros. E a partir de um comportamento seu anterior, o sistema indica coisas para você no presente.

O interesse de uma rede social é que seus usuários permaneçam o máximo de tempo conectados a ela. A rede ganha com seus dados. Você pode não gastar dinheiro para usar a rede, mas gasta um bem mais valioso por lá: seu tempo. Quando você não paga por um serviço, é provável que você seja o produto.

Na economia da atenção, quanto mais tempo alguém fica conectado a um canal, mais exposto a propagandas a pessoa está, e dessa forma as mídias ganham com você. Os algoritmos são construídos para fazer você permanecer dentro da rede.

Se você demonstrou para a rede que gosta de ver vídeos de gatinhos, mais vídeos de gatinhos serão sugeridos em sua linha do tempo. Se você curtir a foto de um amigo, mais postagens desse amigo serão mostradas em sua linha do tempo. A função do algoritmo é entender o que faz você permanecer conectado à rede, e então te mostrar mais daquele conteúdo.

Não são apenas as redes sociais que utilizam esse mecanismo de filtrar o que você vê, o sistema de pesquisa do Google faz o mesmo. Após pesquisar um termo no Google e se decidir por um link, o navegador vai armazenar suas preferências para sua pesquisa futura. Da próxima vez que você pesquisar algo sobre o tema, as respostas que vão aparecer em primeiro lugar são relacionadas à sua pesquisa anterior.

“Mas, Carlos, qual o problema desses algoritmos em relação a uma vida ética?”, você poderia me questionar. Todos esses dados pessoais que são coletados por esses sistemas e usados para manipular o comportamento dos usuários se tornam uma profunda questão ética envolvendo grandes conglomerados de mídia. Mas não é sobre eles que quero falar, e sim sobre você e eu, que usamos essas redes diariamente.

Ser exposto a um conteúdo sempre igual, que apenas confirma uma opinião pré-definida sobre algo, está colocando a sociedade em uma bolha de conhecimento. Ao longo da história humana, as civilizações floresceram dentro de suas bolhas, onde suas crenças e seu modo de vida eram mais válidos que dos estrangeiros.

Quando uma visão de mundo se acha superior a outras visões de mundo, muito mal é gerado sob a justificativa de superioridade ou importância do “nosso” sobre o “deles”. Hoje, com toda a informação que a humanidade criou ao longo de sua história, muitos avanços foram dados em relação aos direitos humanos e uma convivência ética.

Mas, novamente vemos muitos direitos já conquistados ameaçados por discursos de ódio que encontram apoio dentro de bolhas formadas na internet. Pessoas são expostas todos os dias às mesmas informações distorcidas. Um sistema, que apesar de todo o conhecimento já produzido pela humanidade, prioriza trazer ao usuário as informações que ele quer ver, mesmo se forem falsas ou de cunho odioso.

É mais confortável manter “a velha opinião formada sobre tudo”. Só que a vida ética exige esforço. Nosso esforço nesse ponto é romper nossa própria bolha e ir de forma tolerante ao encontro de ideias diferentes.

A vida ética exige que as bolhas criadas sejam rompidas, precisamos buscar informação de diversas fontes, buscar um discurso que não seja segregador.

Busque no encontro do outro a ética do bem viver. Se do lado de fora da nossa bolha encontramos discursos de ódio e desunião, é mais que urgente que, através do nosso círculo de influência, possamos influenciar mais pessoas a lutar pela vida ética.

Se dentro de nossa bolha encontramos esses mesmos discursos, faz-se urgente o rompimento da bolha para irmos ao encontro de melhores formas para viver a vida. Certa vez, Gandhi disse: “Olho por olho e o mundo acabará cego.” Ainda há pessoas vivendo sobre o código do “olho por olho”, como se pertencessem à Babilônia do século XVII a. C. Não dá para se comportar nos dias de hoje como viveram antepassados há quase 4 mil anos. Faz-se urgente novos comportamentos para a construção do futuro do mundo.